

Envelhecimento e finitude



Regiane da Silva

Qual é o significado do envelhecimento para o idoso? E qual a relação do envelhecimento com a finitude que estabelece? Refletir sobre estas duas questões é o objetivo deste artigo.

A principal referência que tive ao pensar sobre o tema foi o contexto atual da sociedade brasileira, fundamentada a partir da minha experiência pessoal e da leitura de textos e conteúdos das aulas do curso *Fragilidades na Velhice: Gerontologia Social e Atendimento*, da PUC-SP.

A primeira preocupação quanto à questão da velhice ocorreu, provavelmente, na adolescência, a partir de uma frase dita pela minha saudosa avó paterna - uma mulata nordestina, semianalfabeta, muito sábia e de personalidade marcante. Eu não me recordo qual o contexto da conversa, mas me lembro de suas palavras: “os jovens não gostam dos velhos e os velhos não gostam dos jovens”. Eu pensei sobre o que ela pretendeu me dizer com aquela frase e uma inquietação angustiante tomou conta dos meus pensamentos: como a minha querida avó podia achar que eu não gostava dela e como ela podia não gostar de mim? Foi o que me perguntei e confesso não ter encontrado resposta naquele momento, pois não tive coragem de continuar o assunto, talvez eu temesse a descoberta. Essa frase ressoou em mim muitas outras vezes.

Talvez a frase da minha avó tenha me inspirado a tentar compreender melhor o envelhecimento, além da atual condição de velhice frágil da minha mãe.

Recentemente, recebi indicação do livro *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade* (2007), organizado por Anita Neri, cujo texto foi baseado em pesquisas realizadas por um grupo de profissionais do SESC-SP em parceria com a Fundação Perseu Abramo, e que traz dados importantes sobre a velhice no Brasil.

Segundo os pesquisadores, até 1980 o Brasil era considerado um país jovem, a partir daí a taxa de natalidade começou a cair e a expectativa de vida começou a crescer. Por volta de 2007, época do lançamento do livro, a população formada por pessoas consideradas idosas (acima de 60 anos) era de 18 milhões (10% da população brasileira, na época) e havia uma tendência para a multiplicação desse número até 2030. Em 2015, a população idosa representa 13% da população total.

Falando sobre tendências, verificamos que com o crescimento do número de pessoas idosas há o aumento de doenças crônicas e diminuição de habilidades físicas, bem como casos de depressão e demência. Entretanto, a velhice é uma etapa da vida que faz parte do processo natural e contínuo de envelhecimento e, assim, tratar o envelhecimento como doença ou problema é desencadear uma antipatia em relação a ele.

Na pesquisa mencionada, a chegada da velhice aparece associada mais aos aspectos negativos do que aos positivos, tanto na opinião de idosos como de não idosos (cerca de 90% dos pesquisados). Entre os principais indicadores dos sinais da velhice, as doenças e a debilidade física apareceram em cerca de 60% das respostas, e o desânimo em 40%. A dependência física, outro aspecto negativo, apareceu em um quarto das respostas.

No entanto, quando perguntado ao idoso sobre “como se sentia com a idade que tinha”, 69% responderam positivamente, sendo: satisfeito e feliz (48%), com disposição para seus afazeres (29%) e com ânimo e vontade de viver (27%). Os resultados apontaram 39% de referências negativas, com destaque para a debilidade física e as doenças.

Mesmo havendo destaque para os aspectos negativos, associados à velhice, a maioria dos idosos sentia-se bem, e a maior parcela deles não se sentia idosa (53%). Somente após os 70 anos afirmavam sentirem-se velhos (39%), outro grupo (7%) se sentia parcialmente idoso, em algumas situações.

No Brasil as pessoas são consideradas legalmente idosas a partir dos 60 anos, entretanto, nas pesquisas, a população idosa (em média), considerou como início da velhice 70 anos e 7 meses de idade, enquanto que a população adulta indicou 68 anos e 11 meses, e a jovem, 66 anos e 3 meses. Na visão da população adulta não idosa, prevalecia a ideia de que há mais aspectos negativos que bons na velhice; na visão da população idosa: 35% considerou haver mais aspectos negativos em ser idoso, mas isso após os 70 anos, 33%

mais aspectos positivos e 23% apontou para ambos os aspectos. As melhores coisas foram: experiência de vida e sabedoria, e dentre os traços negativos, além dos já citados, destacou-se a discriminação social contra a pessoa idosa (18% e 24%).

Do total de idosos pesquisados, 56% consideravam ter havido melhorias na condição social da pessoa idosa e 30% responderam o contrário. Os pontos de melhorias lembrados pelos pesquisados se referiam aos direitos do idoso: aposentadoria, gratuidade nos transportes, atendimento preferencial em filas, promulgação do Estatuto do Idoso, saúde e opções de lazer. Os que pioraram foram: falta de respeito (principalmente dos jovens) e a saúde, seja pela qualidade de atendimento ou pelas consequências da vida moderna.

Quando perguntado sobre a existência de preconceito contra a velhice, do total de respondentes 80% concordou e 85% dos não idosos também, entretanto, apenas 4% admitiu ter preconceito em relação à velhice. Como os números não batem, temos que pensar na dificuldade que a população brasileira tem em admitir ou encarar o próprio preconceito em relação à velhice.

Em média, 75% dos pesquisados não idosos e 76% dos idosos mencionaram aspectos negativos da imagem que os mais jovens têm da velhice. Quanto aos aspectos positivos como parte dessa imagem, temos: 21% dos não idosos e 19% dos idosos. O jovem teria a seguinte imagem do idoso: incapaz (31% dos idosos e 37% dos não idosos); ultrapassado (9% dos idosos e 15% dos não idosos); desinformado (10% dos idosos e 5% dos não idosos); com desprezo (29% dos idosos e 16% dos não idosos); com desrespeito (24% dos idosos e 16% dos não idosos). Sobre a violência, como passível de discriminação e maus-tratos: 13% dos idosos e 7% dos não idosos reconheceu existir.

Haveria algo em comum entre esses dados e a frase que a minha avó me disse no passado? Parece-me que sim.

Adicionalmente, 35% dos idosos admitiram já ter sofrido algum tipo de violência, a saber: violência urbana (assaltos e estupros), violência doméstica - física ou psíquica com humilhações sistemáticas por parte de familiares - e violência institucional de desrespeito aos seus direitos.

A partir dos dados obtidos, os pesquisadores concluíram que a imagem da velhice se apresenta de modo mais negativo que positivo, mas eles constataram que, sobretudo na visão da própria população idosa, existe consciência e capacidade para denunciar o forte preconceito social, a discriminação e o desrespeito que sofrem, além do sentimento de invisibilidade. Os idosos reconhecem que houve melhorias em seus direitos, se comparados aos existentes na época em que eram jovens, mas ao mesmo tempo, sabem que há muito a se alcançar em relação a eles, como: saúde, lazer, qualidade de vida, bem-estar e acessibilidade. Os pesquisadores também alertaram quanto à possibilidade de haver maior gravidade na situação dos idosos do Nordeste, dos negros, dos mais pobres etc., o que não foi apontado na média da pesquisa.

A vida passa e, durante o nosso trajeto, desejamos ter uma vida longa e saudável. A morte nos impacta menos que a dependência, a perda de dignidade, a solidão, o desrespeito, a dor, a discriminação, a invisibilidade e a exclusão social. Talvez por isso, eu sempre ouço as pessoas dizerem que preferem morrer a viver como “inúteis” na velhice.

Recebemos o tempo todo informações que nos influenciam no desenvolvimento de atitudes negativas em relação à velhice, que podem ser conscientes ou não, e quanto menor for a consciência mais elas influenciarão os nossos comportamentos. Assim, podemos achar que não temos preconceitos em relação à velhice, mas vemos graça em personagens que representam caricaturas do idoso, como a clássica personagem “velha surda” do programa humorístico A Praça é Nossa exibida pela emissora de TV SBT.

A incongruência entre discurso e comportamento foi evidenciada na pesquisa citada: 84% dos respondentes admitiram haver preconceito em relação à velhice, porém 95% afirmaram não ter esse tipo de preconceito.

Vemos assim, os preconceitos e estereótipos formando atitudes que geram comportamentos de intolerância, desrespeito e discriminação social, que surgem em consequência de falsas crenças a respeito da incapacidade e improdutividade dos idosos, pois se eles “valem menos” terão menos acessos que os jovens e adultos. Os motivos encobertos dessa visão estereotipada se originam na perspectiva econômica relacionada ao capitalismo, pois ser velho significa ser improdutivo e menos capaz socialmente.

Visando amenizar essa situação surgem as práticas e políticas, mas de fundo paternalistas, que realçam a “dependência e a incapacidade” física e psicológica do idoso, reforçadas pelas famílias e instituições.

Muitos preconceitos e estereótipos resultam de falsas crenças a respeito da competência e da produtividade dos idosos. Seu resultado é a discriminação social por critério de idade, fundamentalmente motivada por razões econômicas. Como membros menos capazes e improdutivos da sociedade, os idosos passam a valer menos nos processos de trocas sociais e, assim, não podem ter acesso à mesma quantidade de recursos garantidos aos jovens e adultos capazes e produtores dos bens. A prática de estratificação por idade não apenas determina a distribuição de recursos como também influencia a formação de identidades sociais individuais (RILEY, 1971, citado por NERI, 2007, p.37).

Neri (2007, p. 37) afirma que “por limitar o acesso a importantes domínios da vida, a discriminação pelo critério etário, afeta diretamente o *status* social, o bem-estar psicológico e até mesmo a saúde física dos excluídos”.

A pessoa não se torna idosa repentinamente. A medicina considera que o processo de envelhecimento inicia-se a partir do nascimento e, segundo Lopes e Calderoni (2007), os princípios e os mecanismos do envelhecimento são idênticos para todos os seres humanos, entretanto a forma de percorrê-lo é singular. Os acontecimentos do presente se interligam às experiências do passado, o que dá um sentido individual a cada processo de vida.

A condição atual da pessoa idosa é resultado de um processo de constantes mudanças singulares, físicas e psicológicas, que dependem de sua estrutura e atitudes perante os acontecimentos, estilo de vida, condição econômica, cultural, social etc.

Ao longo da vida vão ocorrendo perdas físicas e emocionais: doenças, aposentadoria, afastamento ou perda de entes queridos, transformações sociais, avanços tecnológicos e as mudanças nos lugares. Além disso, a sociedade atual valoriza a beleza, a produtividade, a agilidade e o consumo e não se percebe uma significativa preocupação com as necessidades do idoso e sua presença social.

Se a personalidade foi bem constituída, terá recursos internos para se diferenciar e não sucumbir diante do olhar que a sociedade lhe dirige ao envelhecer e diante das transformações que afetam a vida que avança pelo tempo. Ele poderá, então, acreditar em si e ter uma vida interior que o conduza a encontrar gratificação consigo mesmo, com o outro e com sua atuação no mundo. Vai conseguir preservar sua independência e encontrar possibilidades de atuação produtiva, mesmo na longevidade, mantendo com sua família os padrões vivenciados anteriormente (LOPES e CALDERONI, 2007, p.226).

A doença psíquica não surge repentinamente na velhice, sendo inerente a toda a história de vida ou a uma estrutura patológica anterior. Afirmam Lopes e Calderoni (2007, p.226) que:

Por outro lado, se desde o início da vida forem fixadas vivências emocionais traumáticas e relações de pouca afetividade, os alicerces de seu mundo psíquico ficarão timbrados por sensações de insegurança, sentimento de medo, baixa autoestima, intolerância às frustrações e hostilidades voltadas contra si e contra o outro, que pode, inclusive, ser erroneamente avaliado como objeto persecutório ou pouco acolhedor.

A velhice é uma fase impactante sobre a pessoa que a vivencia e que a empurra para a exclusão social. Além disso, os rearranjos familiares necessários à adaptação a essa nova fase da vida, em geral, são complexos e angustiantes para o idoso e demais envolvidos. As consequências das perdas

podem ser catastróficas: isolamento, depressão, doenças, perda de sentido da vida e o medo pela possibilidade de morte eminente, o que significa se deparar com a finitude.

São muitas as perdas que a pessoa enfrenta ao longo da vida. O luto, a elas relacionadas, precisa ser elaborado a fim de que sejam criadas possibilidades para novas relações e vínculos, visando à sobreposição de objetos perdidos e à unificação dos significados internos. É ainda Lopes e Calderoni (2007, p.226) que nos esclarecem que:

No luto patológico, ocorre a manutenção da energia psíquica no objeto perdido. Não há retorno ou satisfação para o ego. A energia é direcionada para o vazio, para o ausente, e passa a ser desinvestida dos demais interesses aos quais a pessoa estava ligada. A perda não elaborada pode levar à depressão ou à melancolia, que é um estado grave e de intenso sofrimento psíquico.

A velhice é associada à finitude em razão dessas perdas, e os anos que avançam levam a percepção da morte, que parece cada vez mais próxima. Velhice e finitude são assuntos culturalmente associados e velados, pois considerados tabus e, para o idoso, ambas ganham grande destaque, pois há marcas reais em sua pele e corpo, que indicam as perdas sofridas ao longo da trajetória.

A morte apresenta-se com variados significados para a pessoa e pode levar tanto a sentimentos negativos, quanto aos positivos, como o de libertação, entre outros, que dependem de alguns fatores, tais como: qualidade de vida, estrutura psíquica e religiosidade. Somos os únicos seres capazes de pensar sobre a morte e buscar respostas, mesmo que indefinidas.

A reflexão sobre a própria morte é carregada de angústias e pelo medo do desconhecido, da finitude/extinção, da maneira como ela chegará, violenta e/ou carregada de sofrimentos, ou ainda por questões de crenças. Assim, há uma tendência a negá-la. Segundo Kübler-Ross (2008, p.7).

É inconcebível para o inconsciente imaginar um fim real para nossa vida na terra e, se a vida tiver um fim, este será sempre atribuído a uma intervenção maligna fora de nosso alcance. Explicando melhor, em nosso inconsciente só podemos ser mortos; é inconcebível morrer de causa natural ou de idade avançada. Portanto, a morte em si está ligada a uma ação má, a um acontecimento medonho, a algo que em si clama por recompensa ou castigo.

Considerações Finais

Tendo como base os apontamentos feitos durante as aulas do curso de extensão (CÔRTE, 2015) e minha experiência, verifico que vivemos a realidade da população brasileira que envelhece em razão, entre outros fatores, da elevação da urbanização, do desenvolvimento econômico e humano do país, enquanto a taxa de natalidade tende a cair devido a mudanças no planejamento familiar, inclusão da mulher no mercado de trabalho e demais motivos.

Dados apontam que em 2050 seremos 259,8 milhões de brasileiros, e nossa expectativa de vida ao nascer será de 81,3 anos, a mesma dos japoneses atualmente. O envelhecimento populacional não deve ser visto como um problema, mas como privilégio e conquista, entretanto se faz necessário buscar soluções no enfrentamento das dificuldades econômicas e das condições sociais advindas da alteração demográfica, da expectativa de vida, principalmente quanto à Previdência, e a mobilidade e cuidado do idoso frágil.

Será necessário encararmos o envelhecimento como uma fase natural e produtiva do ciclo vital, o que sugere que a pessoa idosa se envolva em atividades de realização, significativas e pessoalmente satisfatórias, que podem impactar positivamente sua vida e a sociedade. O idoso ativo e produtivo continua a participar, conseguindo satisfazer com dignidade suas expectativas e, se sentindo valorizado, pode manter sua identidade e autoestima dentro de padrões normais.

Desde a infância, nas escolas, nas famílias, nas demais instituições e nos meios de comunicação de massa, o significado do envelhecimento e a conscientização sobre ele, precisam ser disseminados a fim de mudar, de modo positivo, os conceitos e preconceitos atuais, contemplando direitos e deveres ao longo da vida. Além disso, os acessos ao estudo, à pesquisa e ao trabalho deveriam ser estimulados, visando à melhoria da qualidade de vida e a projeção de futuro, bem como o autodesenvolvimento e o desenvolvimento.

Consideramos igualmente que, desde cedo, a morte/finitude precisa ser revelada e encarada como condição natural, inerente à vida humana. Para tanto, é necessário oferecer informação sobre ela e estimular discussões que levem a conscientização sobre sua naturalidade e inevitabilidade.

Referências

CÔRTE, B. Apontamento de aulas expositivas proferidas no *Curso de Extensão Fragilidades na Velhice: Gerontologia Social e Atendimento*, da PUC-SP (COGEAE), São Paulo, 2015.

NERI, A. L. (org.). A velhice no Brasil: contrastes entre o vivido e o imaginado; Atitudes e preconceitos em relação à velhice. In: *Idosos no Brasil: vivências*,

desafios e expectativas na terceira idade, São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo. São Paulo: Edições SESC SP, 2007. pp. 21-46.

LOPES, R. G.C. e CALDERONI, S. Z. O idoso na família: expansão de possibilidades ou retração? In: Netto, Matheus Papaléo. *Tratado de Gerontologia*. São Paulo: Atheneu, 2007. pp. 225-231.

KÜBLER-ROSS, E. Sobre o temor da morte. In: *Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes*. Trad. Paulo Menezes. 9ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008. pp. 5-14.

OLIVEIRA, S.C. A finitude na perspectiva do idoso do gênero masculino. *Revista a Terceira Idade: estudos sobre envelhecimento*. v. 22, n. 51, São Paulo: SESC – Serviço Social do Comércio, Julho de 2011. pp. 45-59.

Data de recebimento: 10/11/2015; Data de aceite: 25/11/2015.

Regiane da Silva – Psicóloga (U.M.S.P.). Bacharelado e Licenciatura em Ciências Sociais pelo Centro Universitário Fundação Santo André. Cursando Especialização em Psicogerontologia (pós-graduação lato sensu) pela UNIP. Curso de Extensão “Fragilidades na Velhice: Gerontologia Social e Atendimento” COGEAE-PUC-SP. Vivência em Psicologia Clínica e experiência como Psicóloga Organizacional. Email: regiane.sil@uol.com.br